

FRANCISCA JULIA DA SILVA

60

Marmores

Com prefacio de

JOÃO RIBEIRO



Horacio Belfort Sabino
EDITOR



MARMORES

FRANCISCA JULIA DA SILVA

Marmores

Com prefacio de

JOÃO RIBEIRO



Horacio Belfort Sabino

EDITOR

Impresso nas oficinas da Typ. Paulista.
Rua Libero Badaró, 71 e 73 — S. Paulo

A MEUS PAES

Prologo

Nunca pensei eu que me coubesse algum dia tarefa tão difficil e' tão ditosa ao mesmo tempo, qual a de prefaciar um livro como o da excelsa poetisa paulista cujo nome hoje é conhecido de todos os que se dedicam ao culto da litteratura neste paiz.

Uma injusta apreciação, concluida, e mal concluida, da minha attitude critica contra uma escriptora de talento, havia-me perfidamente creado a pequenina fama (de resto, indigna de mim) de homem selvagem que só via nas mulheres as aptidões inferiores das cozinheiras. E como o *homem é*

de fogo para a mentira, no dizer do fabulista, fui logo definitivamente julgado e condemnado.

Ha em tudo isto uma grave injustiça.

Vivendo nessa patria que se orgulha dos nomes gloriosos de Narcisa Amalia, Adelina Vieira, Julia Lopes d'Almeida, Zalina Rolim, e Julia Cortines, eu sentia com ella esse mesmo nobre orgulho, e ninguem de boa-fé poderia acatar essa dura malevolencia contra as minhas verdadeiras opiniões.

Por isso é que a occasião de apresentar o nome da auctora dos *Mar-*

mores me depára hoje um ensejo feliz de reabilitação no conceito dos mais opiniaticos.

A tarefa que hoje desempenho, não sem o sobresalto da minha humilde condição e mesmo sem possuir a auctoridade necessaria para realçar o merito obscuro ainda e para recomendar o livro que tenho em mãos, justifica-se egualmente por boas e excellentes razões que não me é licito, um momento só, occultar. Não só os *Marmores* por si sós dispensam qualquer elogio antecipado aó do publico, mas quasi todos elles já não carecem de

favor; foram carinhosamente esculpidos, finamente cinzelados, para a galeria artistica da *Semana*, e ahi foram consagrados definitivamente pelo applauso de Araripe Junior, Lucio de Mendonça, Valentim Magalhães, Xavier da Silveira, Silva Ramos, Fontoura Xavier, Escragnolle Doria, Max Fleiuss, Luiz Rosa, Americo Moreira e eu. Deste modo, já não teria receio dos exaggeros da minha opinião individual; acha-se ella firmada pela colaboração de illustres confrades cujo criterio se eleva acima de toda a suspeita.

O nome da poetisa era acclamado; as suas produções, em manuscripto ainda quente das emoções do seu estro, crearam em torno de nós, como um vidro de perfume ao quebrar-se, uma atmospherá deliciosa de Arte e de Sentimento. E d'essa invisível redoma, de onde uma nova alchimia tirava novos mundos, renasciam as paisagens pagãs, com os seus lacteos rios elevando murmurios ás frondes que os passavam ao céu azul, nessa ascensão de prece pantheista da terra profunda ao céu alto e luminoso.

E todos nós inquiriamos se era ver-

dadeiramente de mulher aquelle coração energico e possante, capaz de propellir o sangue de um milhão de arterias.

Foi, pois, principalmente nas paginas da *Semana* que a reputação de Francisca Julia se tornou duravel, solida e indestructivel.

E quando ella vinha todos os sabados, com o fulgor e a pontualidade de um planeta, era logo cercada da admiração e do antigo applauso com que todos nós a recebiamos. A sua poesia energica, vibraute, trazia a vehemencia de sonoridades extranhas, nunca

ouvidas, uma musica nova de que as cytharas banaes do nosso Olympo nos haviam desacostumado.

A banalidade vulgar e desolante do commum das poesias escriptas outr'ora por mulheres; esses versos minados de tuberculose, de voz rouca e doentia, quasi esprimidos com o ultimo alento vital, habituaram-nos a registrar cada estréa feminina sempre com a mesma velha sigla: — *Está conforme.* Era como se dissessemos: — *Póde baixar á enfermaria.*

Mas d'essa languidez antipathica

e irracional, nasceu, como devia nascer, a reacção.

Ainda ultimamente, o livro de Julia Cortines foi mais um clamor de energia contra essa tísica endemica do Parnaso.

Pois que! esses boas senhoras e essas gentis meninas, rubicundas e gordas, bonitas e risonhas, espirituosas todas e algumas até gluttonas, andavam a chorar pelos cantos da casa e a morrer em cada verso?

Francisca Julia tem pouco mais de vinte annos de idade. (1) Sente-se a

(1) Nasceu em S. Paulo aos 31 de Agosto de 1874 e é filha do sr. Miguel Luso da Silva e da exma. sra. D. Cecilia Izabel da Silva.

custo, ás vezes, nas suas producções, a ternura dos verdes annos que só a adolescencia é capaz de suggerir e realisar, porque a frieza classica dos seus versos é absoluta. Sabemos que aos 14 annos escrevia já os primeiros versos. Estreou no *Estado de São Paulo* e collaborou em varias outras folhas, no *Correio Paulistano*, no *Diario Popular*, no *Album*, e finalmente, na *Semana* de onde irradiou seu nome para todos os angulos do paiz.

Eis o que sei da sua curta biographia. Talvez, um dia, num livro que será extremamente curioso e sugges-

tivo, ella nos conte a sua historia intima com aquella deliciosa linguagem, pura e desataviada de ornatos, que transpira das suas cartas.

O caracter preponderante da sua poesia é, talvez, o amor da belleza classica, tal qual a idearam os helenos de Pericles — o sentimento abstracto e profundo do numero, do rythmo e da harmonia. Em uma palavra:—mais extasi do que paixão. Bastaria, para proval-o, esse soneto dos *Argonautas* que parece um baixo relevo de marmore, tal a fria correcção do desenho, soneto que é, de certo,

um dos mais bellos e mais bem acabados entre os da nossa lingua.

Os argonautas

*Mar fóra, eil-os que vão, cheios de ardor insano.
Os astros e o luar — amigas sentinellas,
Lançam bençams de cima ás largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.*

*Eil-os que vão buscar noutras paragens bellas
Infindos cabedaes de algum thesouro arcano...
E o vento austral, que passa, em coleras, ufano,
Faz palpitar o bojo ás retesudas velas.*

*Novos céos querem ver, mirificas bellezas;
Querem tambem possuir thesouros e riquezas,
Como essas náos, que têm galhardetes e mastros...*

*Ateiam-lhes a febre essas minas suppostas...
E, olhos fitos no vacuo, imploram, de mãos postas,
A aurea bençã dos céos e a protecção dos astros...*

Na *Musa impassivel* ha identica perfeição de sonoridade; sôa-nos ao ouvido a complicação orchestral de um poema symphonico; todos os rumores são harmoniosos; e o pensamento já não é expresso pela vulgaridade da articulação e do vocabulo, mas escôa e brota

da musica complexa, da fórma mes-
ma dos versos.

Dá-me o hemistichio de ouro.....

*Versos que lembrem, com seus barbaros ruidos,
Ora o aspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de marmores partidos.*

Outras vezes, na soidão da floresta, é
ainda uma sonoridade selvagem que
desperta e impressiona o estro da poeti-
ssa e ella tradul-a nesse verso esguio e
fremente:

„Entre as folhas sibila a estridula cigarra”

Se eu tivesse de fazer uma analyse psychologica, (de cujo horror os leitores se livrariam a tempo) diria que a sensação predominante na compleição physica e intellectual de Francisca Julia é a *sensação auditiva*; ella sabe tirar dos ruidos cahoticos e irregulares da natureza as vibrações isochronas e musicaes, e dá-lhes um relevo distinctivo, como um artista sabe, com o pincel, desdenhando o detalhe, distinguir as manchas do colorido geral da paisagem.

Um subsidio para essa affirmativa psychologica, bem pôde ser a myopia da gentil poetisa. Á deficiencia da vis-

ta, procurou equilíbrio no ouvido, com a vantagem innegável de que a myopia natural, quando não é excessiva, é um bom elemento de educação da percepção visual na arte, por isso que facilita a visão das massas e suprime o incommodo das minucias.

E querem avaliar os leitores como essa gentil creança *sabe ver* a natureza?

Ponham diante dos olhos esse trecho de paisagem africana em dia de calma:

Calma em tudo. Dardeja o sol raios tranquillos...

Desce um rio, a cantar... Coalham-se á tona d'agua,

Em compacto apertão, os velhos crocodillos...

Na mesma poesia (*Sonho africano*)
que é toda um primor de arte, encon-
tra-se esta imagem digna de um pincel
impressionista :

*Fil-o em sua choupana. A lampada, suspensa
Ao tecto, oscilla; a um canto, um velho e hervado fimbo.
Entrando, porta a dentro, o sol forma-lhe um nimbo
Cor de cinabrio em torno á carapinha densa.*

Na poesia *De joelhos*, que é uma
tentativa de versos symbolicos, mys-
ticos, ou decadistas, — a auctora tira
todos os effeitos admiraveis de luz, de
som e de movimento. Toda a luz do

quadro só permite ver a monja, e d'ella, a principio, os olhos altos, presos ao tecto, e depois os braços e o rosto branco; percebe-se o murmurio sonoro da reza cochichada, continua...

*Reza de manso... Toda de roxo,
A vista no tecto presa,
Como que imita a tristeza
Daquelle cirio tremulo e frouxo.*

E os dous aspectos artisticos, de luz e som, o do murmurio e o da imagem branca da monja, vão-se alternando nas estrofes:

*Psalmos doridos, cantos aereos,
Melodiosos gorgeios,
Rogam-lhe os ouvidos, cheios
De mysticismos e de mysterios.*

*Quanta tristeza, quanto desgosto
Mostra n'alma aberta e franca,
Quando fica branca, branca,
As mãos erguidas, pallido o rosto...*

*Parece estar no Outro-Mundo
De outros mysterios e de outras vidas.*

Não tenho hoje hesitação alguma,
quaesquer que sejam as consequencias

do asserto, em affirmar que depois da geração que costumamos symbolizar nos nomes de Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, tenha apparecido um poeta que se avanteje, ou, sequer, eguale á auctora dos *Marmores*. Nem aqui, nem no sul, nem no norte onde agora floresce unia escola litteraria (*A Padaria espiritual* do Ceará) encontro um nome que se possa oppor ao de Francisca Julia.

Todos lhe são positivamente inferiores no estro, na composição e factura do verso; nenhum possui em tal gráu o talento de reproduzir as belle-

sas classicas com essa fria severidade de fôrma e de epithetos de que Heredia e Leconte deram o exemplo na litteratura franceza; nenhum jamais d'entre os mysticos e nephelibatas de Lisboa ou do Rio de Janeiro, se elevou a essa região serena do mysticismo que a poesia *De joelhos* nos revela com tão extraordinaria emoção.

Como traductora, Francisca Julia tem, egualmente, qualidades apreciáveis.

Contribuiu ella, com alguns formosos numeros para a traducção brazileira do Intermezzo de Heine, publicada pela *Semana*.

Por esse tempo, um critico allemão publicou no *Tagblatt* (1) uma extensa apreciação sobre a traducção brazileira. Era natural que aõ sr. Emilio Strauss fossem extranhas as harmonias do nosso idioma; por isso o critico foi desapiedado para com poetas da estatura de Raymundo Corrêa e de Luiz Delfino, ao passo que elevou ás nuvens poetas estimaveis mas de menos folego. O critico apenas deixa-se levar pelo criterio da *traducção litteral rigorosa*,

(1) Folhetins do *Tagblatt* de S. Paulo, sob o titulo *Eine brasilianische Heine—Mebersetzung*, entre 28 de junho e 3 de julho de 1894.

o que muitas vezes conduz aos maiores absurdos; na poesia, não só o vocabulo, mas a melodia e o rythmo são elementos eguaes de expressão, e esses ultimos elementos são tanto mais intensos quanto cresce a distancia entre a civilisação e a lingua do poeta original e a do poeta que traduz.

Analysando, com seu estreito criterio, Emilio Strauss não pode comprehender o merito das traducções de Francisca Julia.

Que a nossa poetisa pôde traduzir mesmo *litteralmente* e com o maior rigor de fidelidade as bellezas da poe-

sia alleman, é verdade que ninguém poderia com decencia encobrir.

No presente volume os leitores encontrarão um *lied* de Goethe—*Calma do mar*—(Meeres Stille) que pôde ser cotejado com o original allemão.

Os dous ultimos versos

*In der ungeheuern Weite
Regel keine Welle sich*

são traduzidos com rigor litteral:

*Em todo o vasto mar, em parte alguma,
A mais pequena vaga se levanta.*

Entretanto, não seria de todo inútil apontar á gentil poetisa os perigos e as desvantagens da *paraphrase*, quando se pôde traduzir com a fidelidade e a elegancia que transpiram nos dous versos acima transcriptos.

—
Vou concluir.

Aos que vão começar a deliciosa leitura dos *Marmores*, peço perdão dessa palestra importuna, inculta e barbara, sem atavios de estylo, e, todavia, sem a singeleza que reclamaria o portico desse templo sumptuoso. A Ma-

chado de Assis ou a Raul Pompeia caberia essa architectura preliminar.

Mas tambem o contraste é excelente recurso para effeitos necessarios.

Sirva isso de prologo e de contraste á grandiosa belleza dos *Marmores*.

Rio, 1 de janeiro de 1895.

JOÃO RIBEIRO.



I

Musa impassivel

Musa ! um gesto siquer de dor ou de sincero
Lucto jamais te afeie o candido semblante !
Deante de um Job, conserva o mesmo orgulho, e deante
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lagrima ; não quero
Em tua bocca o suave e idyllico descante.
Celebra ora um phantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

~~~~~  
Dá-me o hemistichio d'ouro, a imagem attractiva ;  
A rima cujo som, de uma harmonia crebra,  
Cante aos ouvidos d'alma ; a estrophe limpa e viva ;

Versos que lembrem, com seus barbaros ruidos,  
Ora o aspero rumor de um calhão que se quebra,  
Ora o surdo rumor de marmores partidos.

## II

### A um artista

A meu irmão, Julio Cesar da Silva

Mergulha o teu olhar de fino colorista  
No azul ; medita um pouco, e escreve ; um nada quasi :  
Um trecho só de prosa, uma estrophe, uma phrase  
Que patenteie a mão de um requintado artista.

Escreve ! Molha a penna, o leve estylo enrasta !  
Pinta um canto de céu, uma nuvem de gaze  
Solta, brilhante ao sol ; e que a alma se te vaze  
Na copia dessa luz que nos deslumbra a vista.

~~~~~  
Escreve !... Um céu ostenta o matiz da celagem
Onde erra o sol, moroso, entre vapores brancos,
Irisando, ao de leve, o verde da paizagem...

Uma ave banha ao sol o esplendido plumacho...
Num recanto de bosque, a lamber os barrancos,
Espumeja em cachões uma cachoeira em baixo...

III

Os argonautas

A Carlos Coelho

Mar fóra, eil-os que vão, cheios de ardor insano.
Os astros e o luar — amigas sentinellas,
Lançam bençams de cima ás largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Eil-os que vão buscar noutras paragens bellas
Infindos cabedaes de algum thesouro arcano...
E o vento austral que passa em coleras, ufano,
Faz palpitar o bojo ás retesadas velas.

Novos céos querem ver, mirificas bellezas ;
Querem tambem possuir thesouros e riquezas
Como essas náos que têm galhardetes e mastros...

Ateiam-lhes a febre essas minas suppostas...
E, olhos fitos no vacuo, imploram, de mãos postas,
A aurea bençã dos céos e a protecção dos astros...

IV

Mahabarata

Abre esse grande poema onde a imaginativa
De Vyasa, num fragor echoante de cascata,
Tantas façanhas conta e dessa estrenua e diva
Progenie de Pandú tantas glorias relata !

Ora Kansa, a suprema encarnação do Siva,
Ora os suaves perfis de Krichna e de Virata
Perpassam, como heróes, numa onda reversiva,
Nas estrophes caudaes do grande Mahabarata.

Olha este incendio e pasma : aspecto bellô e triste !
Caminha agora a passo este deserto areoso...
Por cima o céu immenso onde palpitam sóes...

Corre tudo, offegante, e, finalmente assiste
Á ascenção de Iudhishthira ao Indra luminoso
E á apotheose final dos ultimos heróes.

Rainha das aguas

A Alberto d'Oliveira

Mar fóra, a rir; da bocca o fulgido thesouro
Mostrando, e sacudindo a farta cabelleira,
Corta a planura ao mar, que se desdobra inteira,
Numa varina azul orladurada de ouro.

Rema, á pôpa, um tritão de escameo dorso louro ;
Vão á frente os delfins ; e, marchando em fileira,
Das ondas a seguir a luminosa esteira,
Vão cantando, a compasso, as piérides em coro.

Crespas, cantando em torno, as vagas, em surdina,
Lambem de pôpa á prôa o casco da varina
Que prosegue, mar fóra, a infinda rôta, ufana...

E, no alto, o louro sol que assoma, entre desmaios,
Saúda esse outro sol de coruscantes raios
Que orna a cabeça real da bella soberana.

VI

Sonho africano

A João Ribeiro

Eil-o em sua choupana. A lampada, suspensa
Ao tecto, oscilla ; a um canto, um velho e hervado fimbo.
Entrando, porta dentro, o sol forma-lhe um nimbo
Côr de cinabrio em torno á carapinha densa.

Estira-se no chão... Tanta fadiga e doença !
Espreguiça, boceja... O apagado cachimbo
Na bocca, nessa meia escuridão de limbo,
Molle, semi-cerrando os dubios olhos, pensa...

Pensa na longe patria... As florestas gigantes
Se estendem, sob o azul, onde, cheios de magua,
Vivem negros pitunís e enormes elephantes...

Calma em tudo. Dardeja o sol raios tranquillos...
Desce um rio, a cantar... Coalham-se á tona d'agua,
Em compacto apertão, os velhos crocodillos...

VII

Paizagem

Dorme sob o silencio o parque. Com descanso,
Aos haustos, aspirando o finissimo extracto
Que evapora a verdura e que deleita o olfacto,
Pelas alas sem fim das arvores avança.

Ao fundo do pomar, entre as folhas, abstracto
Em scismas, tristemente, um alvissimo ganço
Escorrega de manso, escorrega de manso
Pelo claro crystal do limpido regato.

Nenhuma ave sequer, sobre a macia alfombra,
Pousa. Tudo deserto. Aos poucos escurece
A campina, a rechã sob a nocturna sombra.

E enquanto o ganço vae, abstracto em scismas, pelas
Selvas a dentro entrando, a noite desce, desce...
E espalham-se no céu camandulas de estrellas.

VIII

Venus

A Victor Silva

Branca e herculea, de pé, num bloco de Carrara,
Que lhe serve de throno, a formosa esculptura,
Venus, tumido o collo, em severa postura,
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara.

Um sopro, um quê de vida o genio lhe insuflára ;
E impassivel, de pé, mostra em toda a brancura,
Desde as linhas da face ao talhe da cintura,
A magestade real de uma belleza rara.

Vendo-a nessa postura e nesse nobre entono
De Minerva marcial que pelo gladio arranca,
Julgo vel-a descer lentamente do throno,

É, na mesma attitude a que a insolencia a obriga,
Postar-se á minha frente, impassivel e branca,
Na regia perfeição da formosura antiga.

IX

Em Sonda

Quieta, enrolada a um tronco, ameaçadora e hedionda,
A *boa* espia... Em cima estende-se a folhagem
Que um vento manso faz oscillar, de onda em onda,
Com a sua nocturna e amorosa bafagem.

Um luar mortiço banha a floresta de Sonda,
Desde a copa da faia á esplendida pastagem ;
E o ophidiano escondido, -olhos abertos, sonda...
Vae passando, tranquillo, um bufalo selvagem

Segue o bufalo, só... mas suspende-lhe o passo,
O ophidiano cruel que o ataca de repente,
E que o prende, a silvar, com suas roscas de aço.

Tenta o pobre lutar ; os chavelhos enresta ;
Mas tomba de canção e morre... Tristemente
No alto se esconde a lua, e cala-se a floresta...

X

A caçada

A Valentim Magalhães.

Ao mirante gentil de construcção bizarra
Acabou de subir naquelle mesmo instante
Em que o seu noivo foi á caça ; e, palpitante,
Lá fóra cuida ouvir os sons de uma fanfarra.

E, ao mesmo tempo ouvindo o selvagem descante
Que, entre as folhas, sibila a estridula cigarra,
Ella vae ler a carta onde o seu noivo narra
A dor que ha de soffrer quando estiver distante...

E dorme, vendo o sol que, através de uma escassa
Nuvem branca, illumina as ingremes encostas
Dos montes onde ondeja a matilha da caça ;

E, bem perto, ao rumor de trompas e ladridos,
O seu noivo gentil que, de espingarda ás costas,
Lhe offerta uma porção de passaros feridos...

XI

No campo

A Max Fleiuss

O olhar choroso sob as negras sobrancelhas,
Costas abaixo solta a negra trança basta,
A camponia vae guiando, a picadinhas d'hasta,
Um rebanho gentil de candidas ovelhas.

Uma junta de bois morosa, em meio á vasta
Nava, arrastando vae umas charruas velhas...
E escutando o raspar monótono das rélhas,
Queda-se na planície, um grande boi que pasta...

E some-se o rebanho. Uma sombra fluctuante
Paira sobre a extensão da planície, distante...
Na espessura a camponia esconde-se depois.

E, ao longe, sob o céu, como uma prece estranha
Que desperta a mudez do campo e da montanha,
Chora no ar o mugir dos fatigados bois.

XII

Nocturno

Pesa o silencio sobre a terra. Por extenso
Caminho, passo a passo, o cortejo funereo
Se arrasta em direcção ao negro cemiterio...
Á frente, um vulto agita a caçoula do incenso.

E o cortejo caminha. Os cantos dopsalterio
Ouvem-se. O morto vae numa rêde suspenso ;
Uma mulher enxuga as lagrimas ao lenço ;
Chora no ar o rumor de um mysticismo aereo.

Uma ave canta ; o vento acorda. A ampla mortalha
Da noite se illumina ao resplendor da lua...
Uma estrige soluça ; a folhagem farfalha.

E enquanto paira no ar esse rumor das calmas
Noites, acima delle, em silencio, fluctua
O Lausperepne mudo e supplice das almas.

XIII

A Noite

A Wenceslau de Queiroz

Um vento fresco e suave entre os pinhaes murmura.
A Noite, aos hombros solta a desgrenhada coma,
No seu plaustro de crepe, entre as nuvens assoma...
Tornam-se o campo e o céo de uma côr mais escura.

Um novo aspecto em tudo. Um novo e bom aroma
De láthyros exhala a ampl'issima verdura.
Num hausto longo, a Noite, aos ares a frescura
Doce, entre-abrindo a flôr dos negros labios, toma...

Por valles e rechans caminha, passo a passo,
Attento o ouvido, á escuta... E no seu plaustro enorme,
Cujo rumor desperta a placidez do espaço,

Á encantada região das estrellas se eleva...
E, ao ver que dorme o espaço e o mundo inteiro dorme,
Volve, quieta, de novo, á habitação da treva...

XIV

A Ondina

Rente ao mar que soluça e lambe a praia, a Ondina,
Solto, ás brizas da noite, o aureo cabelo, núa,
Pela praia passeia. A opalica neblina
Tem reflexos de prata á refração da lua.

Uma velha goleta encalhada, a bolina
Rôta, pompeia no ar a vela, que fluctua.
E, de onda em onda, o mar, soluçando em surdina,
Empola-se espumante, á praia vem, recúa...

E, surdindo da treva, um monstro negro, fito
O olhar na Ondina, avança, embargando-lhe o passo...
Ella tenta fugir, suffoca o choro, o grito...

Mas o mar, que, espreitando-a, as ondas avoluma,
Rojá-se aos pés da Ondina e esconde-a no regaço,
Envolvendo-lhe o corpo em turbilhões de espuma.

XV

Aurora

Mensageira da luz, a briza corre. A Aurora
Do seu leito real de tyro se levanta.
Toda a campina acorda em festa. Cada planta
Mostra o sorriso ideal da matutina Flora.

Um cheiro doce e fresco a verdura evapora.
A araponga, afinando a matinal garganta,
Grita ; um passaro geme ; a patativa canta...
Todo o campo é uma orchestra harmonica e sonora..

Vara o diaphano véo da alvissima neblina
Uma setta de sol. E a floresta, a campina,
Ainda cheias da luz de um pallido arrebol,

Descortinam-se... E em pouco, a campina, a floresta,
Cheias do riso bom da natureza em festa,
Palpitam sob a luz fecundante do sol.

XVI

A um poeta

Poeta, quando te leio, a angustia dolorida
Que te mina a existencia e que em teu peito impera,
Faz-me tambem soffrer, d'alma se me apodera,
Como si da minh'alma ella fosse nascida.

Sinto o que sentes : ora a lagrima sincera
Que foi pela saudade ou pelo amor vertida,
Ora a magua que habita em tua alma,—guardada
Onde a negra legião das maguas se agglomera.

Não ha nos versos teus um sentimento alheio
A esse teu coração macerado de fraguas ;
Ha nelles ora o suave e móduo gorgeio

Das aves, ora a queixa harmonica das aguas...
Leio os teus versos ; e, em minh'alma, quando os leio,
Vae gemendo, em surdina, a musica das maguas...

XVII

Á noite

Eis-me a pensar, enquanto a noite envolve a terra ;
Olhos fitos no vacuo, a amiga penna em pouso,
Eis-me, pois, a pensar... De antro em antro, de serra
Em serra, echoa, longo, um *requiem* doloroso.

No alto uma estrella triste as palpebras descerra,
Lançando, noite a dentro, o claro olhar piedoso.
A alma das sombras dorme ; e pelos ares erra
Um morbido languor de calma e de repouso...

Em noite escura assim, de repouso e de calma,
É que a alma vive e a dor exulta, ambas unidas,
A alma cheia de dor, a dor tão cheia de alma...

É que a alma se abandona ao sabor dos enganos,
Antegosando já chimeras presentidas
Que, mais tarde, hão de vir com o decorrer dos annos.

XVIII

Inverno

A João Luso

Outr'ora, quanta vida e amor nestas formosas
Ribas! Quão verde e fresca esta planície, quando,
Debatendo-se no ar, os passaros, em bando,
O ar enchiam de sons e queixas mysteriosas!

Tudo era vida e amor. As arvores copiosas
Mexiam-se, de manso, ao resfolego brando
Da briza que passava em tudo derramando
O perfume subtil dos cravos e das rosas...

Mas veio o inverno; e vida e amor foram-se em breve.
O ar se encheu de rumor e de uivos desolados...
As arvores do campo, enroupadas de neve,

Sob o látigo atroz da invernia que corta,
São esqueletos que, de braços levantados,
Vão pedindo soccorro á primavera morta.

LIEDER DE GÖTTE

Calme de la mer

I

Tranquillo, o mar não canta nem ondeia ;
O nauta, immerso n'outro mar de maguas,
Os olhos tristes e humidos passeia
Pela tranquilla quietação das aguas.

A onda que dorme quieta, não espuma ;
O austro que sonha placido, não canta ;
E em tódo o vasto mar, em parte alguma,
A mais pequena vaga se levanta.

Lied sicilien

II

Olhos ! que ateaes os coraçõẽs e a guerra,
Olhos, quando piscaes, olhos de brazas,
Muralhas abalroam, caem casas,
E enormes paredões rolam por terra !

Assim, a um golpe rapido de vista,
Esta debil e tremula muralha,
Dentro da qual meu coração trabalha,
Como quereis, dizei-me, que resista ?

La prude

III

Deliciosa manhã de primavera doura
Os campos. Ainda dorme o sol. Mas a pastora,
Descuidosa, passeia, enfeitadinha já.
Quem a vê, a maciez das faces lhe namora.
E ella cantando vae pelos campos em fóra :
Trá, lá. lá ! Trá, lá, lá !

Por um beijo um pastor offerta-lhe uma ovelha,
Duas, quantas quizer... E ella fica vermelha

De raiva, bate o pé... Tão formosa e tão má !
Encara-o com desprezo ; e depois, apressando
Os passos, segue adeante, aligera, cantando :
Trá, lá, lá ! Trá, lá, lá !

Um pastor lhe offerece o coração a ella ;
Fitas outro pastor lhe offerta ; mas a bella
Pastorinha gentil, enfastiada já,
Ri de ambos, como riu das ovelhinhas brancas
Do primeiro. E prosegue, entre risadas francas,
Trá, lá, lá ! Trá, lá, lá !

A. HEINE

NUMEROS DO INTERMEZZO

I

Já te esqueceste, pois, inteiramente,
De que em melhores épocas da vida,
 Teu coração, querida,
Me palpitou no coração ardente ?
Teu coração de leve mariposa
 , Esvoaçante e terrena,
Tão pequeno e tão falso que outra cousa
Não pôde haver mais falsa e mais pequena ?

E, de certo também já te esqueceste
 Do pezar e do amor'
 Com que tu me prendeste
O coração num circulo de dor.

Pezar e amor ! ambos me fazem doente ;
Ambos me são do pranto
Incentivos fataes ;
E não sei, entretanto,
Si aquelle pôde ser maior do que este,
Pois sei apenas que ambos, igualmente,
Já são grandes de mais.

II

Meus cantos, cujo threno
Minh'alma escuta, amargurada e triste,
São repassados de lethal veneno:
De outra fôrma não pôde ser, querida,
Porque tu espargiste
Sobre a modesta flôr da minha vida
O orvalho do veneno.

Meus cantos, cujo threno
Qualquer sorriso em lagrimas transfôrma,
São repassados de lethal veneno;
Não pôde ser, emtanto, de outra fôrma,

~~~~~

Porque, em meio das cousas mais singelas  
Que tenho n'alma, agitam-se, frementes,  
Implacaveis serpentes...  
E tu, formosa amante, és uma dellas!



### III

A noite é muda e triste. O espaço é triste e mudo.  
E caminhando eu vou pela floresta espessa,  
Rompendo a cerração.  
As ramagens abalo, as arvores sacudo:  
E ellas movem de leve a rorida cabeça,  
Num ar de compaixão.





#### IV

Floresta afóra, além, no encontro das estradas,  
Suicidas sem descanso,  
Agitam-se no horror das covas profanadas.  
Perto, uma flôr azul desabrocha de manso:  
Dão-lhe o nome de flôr das almas condemnadas.

Certa vez, eu lá fui. A noite estava fria;  
O espaço mudo estava.  
Á beirá de uma cova a flôr azul tremia;  
E entre nuvens de crepe, a lua, que passava,  
Derramava-lhe em torno a sua luz sombria.



# BALLADA

**Ballada**

•

“Eu vou partir. A noite já desmaia.  
Parto; por isso, candida princeza,  
Venho beijar as mãos á Vossa Alteza...  
Botes e náus esperam-me na praia.

Tenho, de certo, de soffrer azares,  
Dores soffrer; mas hei de, com denodo,  
Pugnas vencer e conquistar de todo  
Terras extranhas e remotos mares...

Não sei si morrerrei; mas si, princeza,  
Atravez de procellas e de escolhos,  
A negra morte me fechar os olhos,  
Eu morrerrei pensando em Vossa Alteza.

Mas, forçoso é partir; adeus, senhora...”  
“Conde, adeus...” murmurou, baixando a fronte.

A noite desmaiava. No horisonte  
Já se movia o séquito da aurora.

E ella, a princeza, immersa num lethargo,  
Ficou olhando a vastidão do oceano.

Rompeu, enfim, o sol. E, a todo o panno,  
A aventureira náu se fez ao largo...

## II

### A florista

Suspensa ao braço a grávida corbelha,  
Segue a passo, tranquilla... O sol faisca...  
Os seus carminios labios de mourisca  
Se abrem, sorrindo, numa flôr vermelha.

Deita á sombra de uma arvore. Uma abelha  
Zumbe em torno ao cabaz... Uma ave, arisca,  
Bem perto della pelo chão lambisca,  
Olhando-a, ás vezes. tremula, de esguelha...

Aos ouvidos lhe sôa um rumor brando  
De folhas... Pouco a pouco, um leve somno  
Lhe vae as grandes palpebras cerrando...

Cae-lhe de um pé o rustico tamanco...  
E assim descalça, mostra, em abandono,  
O vultinho de um pé macio e branco.



### III

#### Inconsolaveis

Almas, porque choraes, si ninguem vos responde?  
Almas, porque? Deixae as lagrimas! empós  
Do Ideal correi, correi a longes plagas, onde  
Não exista ninguem que escarneça de vós.

Lançaes o vosso olhar a longinquas paragens,  
Bem distantes daqui, cheias de ideaes risonhos,  
Onde as aves do amor, sacudindo as plumagens,  
Passem cantando ao longe a musica dos sonhos...

A longes plagas onde estas miserias todas  
Não consigam deixar o minimo signal;  
Paragens onde, em meio ás delirantes bodas  
Dos sonhos e do amor, exulte e cante o Ideal...

Mas não, almas! soltae a vossa queixa triste;  
Contae ao mundo inteiro a vossa magua justa;  
Éssa terra de Ideal, ó almas, não existe;  
Inventei-a sómente, e invental-a não custa.

Pobres almas, lançae em torno a vossa vista:  
Sempre haveis de encontrar essa miseria atroz.  
Almas, chorae, que embora esse paiz exista,  
Nelle ha de haver alguém que escarneça de vós.

## IV

### Estella

Como dormes feliz, anjo adorado,  
nesse teu berço, assim... tu, cujos olhos  
nunca viram misérias nem abrolhos,  
as vêm somente o maternal cuidado.

O anjo da guarda está velando ao lado  
do teu berço, a sorrir... Os teus antolhos  
abertos, por enquanto, os ondulantes folhos  
do teu bercinho de ébano lavrado.

Dorme, que enquanto o cherubim de vela,  
Elle te envolve nessa etherea veste  
Que usam no céo os cherubins, Estella;

Dorme; o teu somno cheio de fulgorés  
De certo eleva-te a um paiz celeste  
Todo cheio de passaros e flores.

V

## De joelhos

A' Santa Thereza

Reza de manso... Tõda de roxo,  
A vista no tecto preza,  
Como que imita a tristeza  
Daquelle cirio tremulo e frouxo...

E assim, mostrando todo o desgosto  
Que sobre sua alma peza,  
Ella reza, reza, reza,  
As mãos erguidas, pallido o rosto...

O rosto pallido, as mãos erguidas,  
O olhar choroso e profundo...  
Parece estar no Outro-Mundo  
De outros mysterios e de outras vidas...

Implora a Christo, seu Casto Esposo,  
Numa prece ou num transporte,  
O termo final da Morte,  
Para descanso, para repouso...

Psalmos doridos, cantos aereos,  
Melodiosos gorgeios  
Roçam-lhe os ouvidos, cheios  
De mysticismos e de mysterios...

Reza de manso, reza de manso,  
Implorando ao Casto Esposo  
A morte, para repouso,  
Para socego, para descanso

D'alma e do corpo que se consomem,  
Num desanimo profundo,  
Ante as miserias do Mundo,  
Ante as miserias tão baixas do Homem !

Quanta tristeza, quanto desgosto,  
Mostra na alma aberta e franca,  
Quando fica, branca, branca,  
As mãos erguidas, pallido o rosto...

O rosto pallido, as mãos erguidas,  
O olhar choroso e profundo,  
Parece estar no Outro-Mundo  
De outros mysterios e de outras vidas...





## VI

### No boudoir

Aguarda o joven conde ha quasi uma hora,  
Mudo, a agradavel occasião de vel-a.  
A um canto do *boudoir*, altiva e bella,  
Está sentada a viscondessa Aurora.

Entra e murmura: „Que brilhante estrella !  
Vou confessar-lhe o meu amor agora...”  
Depois, approximando-se: „Senhora,  
Tenho muito prazer em conhecê-la...”

E segreda baixinho: „Viscondessa,  
E' por Vossa Excellencia que deliro...”  
E ella, soerguendo, timida, a cabeça,

Fita-o, sorrindo, nada lhe responde...  
Solta apenas um tremulo suspiro  
Ao ver os olhos do formoso conde.

## VII

### **D. Alda**

(*Lied* MODERNO)

Hoje D. Alda madrugou. A's costas  
Solta a opulenta cabelleira de ouro,  
Nos labios um sorriso de alegria,  
Vae passear ao jardim; as flores. postas  
Em longa fila, alegremente, em coro,  
Saúdam-n'a: „Bom dia!”  
D. Alda segue... Segue-a uma andorinha;  
Com seus raios de luz o sol a banha;  
E D. Alda caminha...  
Uma porção de folhas a acompanha...

Caminha... Como um fulgido brilhante,  
O seu olhar fulgura.

Mas—que cruel!—ao dar um passo adeante,  
Emquanto a barra do roupão sofralda,  
Pisa um cravo gentil de lactea alvura!

E este, sob os seus pés, inda murmura:  
„Obrigado, D. Alda.”

## VIII

### No baile

Flores, damascos... é um sarau de gala.  
Tudo reluz, tudo esplandece e brilha;  
Riquissimos bordados de escumilha  
Envolvem toda a sumptuosa sala.

Moços, moças levantam-se; a quadrilha  
Rompe; um suave perfume o ar trescala;  
E Flora, a um canto, envolta na mantilha,  
Espera que o marquez venha tiral-a...

Finda a quadrilha. Rompe a valsa ingleza.  
E ella não quer dansar ! ella, a riqueza  
Flora, a menina mais formosa e rica !

E' elle não vem! Enquanto finda a valsa,  
Ella, triste, a sonhar, calça e descalça .  
As finissimas luvas de pellica !

## IX

### Mudez

Já rumores não ha; não ha; calou-se  
Tudo. Um silencio deleitoso e morno  
Vae-se espalhando em torno  
A's folhagens tranquillias do pomar.

Torna-se o vento cada vez mais doce...  
Silencio... Ouve-se apenas o gemido  
De um pequenino passaro perdido  
Que inda espaneja as suas azas no ar.

Ouve-me, amiga, este é o Silencio, o grande  
Silencio, o rei das trevas e da calma,  
    Em que a nossa triste alma,  
Penetrada de maguas e de dor,  
    Se dilata, se expande,  
E seus segredos intimos mergulha...  
Prolonga-se a mudez: nenhuma bulha ;  
Já se não ouve o minimo rumor.

Esta é a mudez, esta é a mudez que fala  
(Não aos ouvidos, não, porque os ouvidos  
Não conseguem ouvir esses gemidos  
Que ella derrama, á noite, sobre nós,  
    A' alma de quem se embala  
Numa saudade mystica e tranquilla...  
Nossa alma apenas é que pôde ouvil-a,  
E que consegue perceber-lhe a voz.

Escuta a queixa tacita e celeste  
Que este silencio fala a ti, tão triste...  
E has de lembrar o dia em que tu viste  
Perto de ti, pela primeira vez,



Alguem a quem disseste  
Uma phrase de amor, de amor... ó louca !  
E que, no entanto, só mostrou na bocca  
A mais brutal e ironica mudez !



## X

### Perfida

Disse-lhe o poeta: „Aqui, sob estes ramos,  
Sob estas verdes laçarias bravas,  
Ah! quantos beijos, tremula, me davas !  
Ah! quantas horas de prazer passámos !

Foi aqui mesmo,—como tu me amavas!  
Foi aqui, sob os flóridos recamos  
Desta ramagem, que uma rêde alcámos  
Em que teu corpo, molle, repousavas.

Horas passava junto a ti, bem perto  
De ti. Que goso então ! Mas, pouco a pouco,  
Todo esse amor calcaste sob os pés''.

„Mas, disse-lhe ella, quem és tu ? De certo,  
Essa mulher de quem tu falas, louco,  
Não, não sou eu, porque não sei quem és...

## XI

### Laura

Esta é a Laura, a riquíssima princeza  
De negros olhos, elegante e bella,  
A cujas plantas a aulica nobreza  
Se roja, apenas a um sorriso della.

Rosa de extranha e sensual fragrancia,  
Nascida em pobre e humillimo canteiro,  
Em todos os certamens da Elegancia  
Sempre conquista o galardão primeiro.

O seu esposo é um príncipe normando,  
Louro e de face turgida e vermelha,  
Em cujo olhar energico se espelha  
A arrogancia do orgulho e aspero mando.

Ha tempos, Laura era a menina honesta,  
Toda aos prazeres deste mundo alheia,  
Que passava o viver nessa modesta  
Vida tediosa e simplice de aldeia.

E quanta vez, á noite, a sós comsigo,  
Não fez correr as lágrimas no rosto,  
Sem nunca achar um coração amigo  
Que se doesse tambem com o seu desgosto !

Mas, um dia, a fortuna entrou-lhe a porta;  
E, olhando derredor, vendo-a sósinha,  
Com esse timbre de voz que a alma conforta,  
„Laura, disse, levanta-te e caminha!”

E conduziu-a, pela mão, ao grande  
Mundo do luxo pródigo e faustoso,  
Onde, farta e soberba, a alma se expande,  
Cheia do tédio mórbido do goso.

Hoje é a Laura, a riquíssima princeza  
De negros olhos, elegante e bella,  
A cujas plantas a aulica nobreza  
Se roja, apenas a um sorriso della.





## XII

### As duas irmãs

Vem a primeira e falla-lhe em segredo:  
„Amiga, vê, (nem sei como isto conte!)  
Como correm as aguas desta fonte:  
Tal corre a vida, e acaba-se tão cedo!

Ama, pois!” A segunda, em cuja fronte  
Brilha um raio de luz, murmura, a medo,  
Apontando-lhe o chão: „Este é o degredo  
Perpetuo e atroz do teu amor insonte.

Comtudo, espera.” E somem-se a Esperança  
E a Saudade. E ella fica, como douda,  
A olhar o rastro dessas deusas bellas...

E ella fica esperando-as... Cansa, cansa  
De esperal-as assim, a vida toda,  
Sem jamais receber noticias dellas !...

### XIII

## A uma criança

(IMITAÇÃO DE HUGO)

Vous qui ne savez pas, combien l'enfance est belle,  
Enfant ! n'enviez point notre age de douleurs...

VICTOR HUGO.

Choras, criança, mas chorar não deves;  
Entre a velhice e as tuas horas leves  
E' pequena a distancia;  
Choras de balde; choras,  
Porque não sabes, flôr, quanto são breves  
Da humana vida as horas,  
Porque não sabes quanto é bella a infancia!

Tu, cuja vida é um suave paraíso  
Adornado de flores,  
Da nossa vida mísera de dores  
Amargas e revezes,  
Nunca invejes o jubilo indeciso,  
Porque teu pranto é menos triste, às vezes,  
Do que o nosso sorriso.  
Os teus dias são rosas  
Que vicejam, alegres e radiosas,  
Nessas tuas manhãs de eternas galas;  
Nunca as desfolhes, gárrula criança;  
Deixa-as em paz, descança,  
Deixa que o tempo venha desfolhal-as.

## XIV

### Quadro incompleto

Foi um rico painel. Traço por traço,  
Nelle notava-se a paixão do artista.  
Via-se, ao fundo, a tortuosa crista  
De altas montanhas a bêijar o espaço.

No centro, um rio, a distender o braço.  
Selvas banhava em triumphal conquista.  
Ao longo, dois amantes, pela lista  
De um carreiro, seguiam, passo a passo,

Foi um rico painel. Uma obra finda  
A primor, que, apesar de velha, ainda  
Conservava das cores a frescura.

Hoje, porém, não é como era d'antes:  
Pois no ponto onde estavam os amantes,  
Existe apenas uma nódoa escura.

XV

**Prece**

D'ou me vient, ô mon Dieu, cette paix qui m'inonde?  
D'ou me vient cette foi dont mon cœur surabonde?

LAMARTINE.

Santa Maria, illuminae  
A estrada asperrima que trilho:  
Ah! por amor de vosso Filho!  
Ah! por amor de vosso Pae!

Aos marinheiros que, no mar,  
Temem as syrtes e os escolhos,  
Dae-lhes a unção dos vossos olhos,  
Dae-lhes a unção do vosso olhar.

Não peço glorias nem trophéus  
Que as amarguras não compensam:  
Apenas quero a vossa benção,  
Só, muito embora, ó Mãe de Deus,

O camponez não queira o buz  
Dos vossos olhos e nem vol-o  
Peça, mas peça um ferragoulo  
Para cobrir os hombros nús.

Ao miseravel que cahir,  
Ao roto dae-lhes uma tira  
Do vosso manto de saphyra  
Para as feridas encobrir;



A's noivas pobres, enxovaes;  
Ao peccador, ao moribundo,  
Dae-lhes o goso do outro mundo  
Longe das chammas infernaes.

Dae-nos do vosso olhar a unção!  
E que sejaes sempre bemdita  
Lá nessa abobada infinita,  
O' immaculada Conceição!

Santa Maria, illuminae  
A estrada asperrima que trilho!  
Ah! por amor de vosso Filho!  
Ah! por amor de vosso Pae!



## XVI

### Mãe

Embora a magua a afflija e a sorte a opprima,  
O seu amor, como celeste esmola,  
E' um perfume subtil que se lhe evola  
Do peito e sóbe deste mundo acima.

Com que ternura a sua voz me anima,  
Quando, pelo meu rosto, o pranto rola!  
Ninguem, como ella, a minha dôr consola,  
Ninguem, como ella, o meu pezar lastima.

~~~~~

Julgo-me só e chamo-a... ella não tarda!
Volta, acode-me, alegre; e, num momento,
Desfaz a dôr que o coração me enlucta.

Ella é a mais fiel, a mais constante guarda
Que, no meio da noite, o ouvido attento,
O meu suspiro entrecortado escuta.

XVII

Egypto

No ar pesado, nenhum rumor, o menor grito;
Nem no chão calvo e secco o mais pequeno adorno;
Um velho ibe sómente arranca um raro plorno
Que cresce pelos vãos das lageas de granito.

A aura branda, que vem do deserto infinito,
Arripia, ao de leve, a agua do Nilo, em torno.
Corre o Nilo, a gemer, sob um calor de forno
Que, em ondas, desce do alto e invade todo o Egypto.

Destacando na luz, agora, o vulto absorto
De um adelo que passa, em caminho da feira,
Dá mais um tom de magua ao vasto quadro morto.

Bate na areia o sol. E, num sonho tranquillo,
Pompeia, ao largo, a alvura uma barca veleira,
A tremer, a tremer sobre as aguas do Nilo.

XVIII

Musa impassivel

O' Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gela o sorriso ao labio e as lagrimas estanca!
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,
Por esse grande espaço onde o Impassivel mora.

Leva-me longe, ó Musa impassivel e branca!
Longe, acima do mundo, immensidade em fóra,
Onde, chammas lançando ao cortejo da aurora,
O aureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me, de vez, numa ascensão ardente,
A' deliciosa paz dos Olympicos-Lares,
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo,
Passarem, através das brumas seculares,
Os Poetas e os Heróes do grande mundo antigo.



INDICE

H. HEINE

NUMEROS DO INTERMEZZO

I	47
II	49
III	51
IV	53

BALLADA

I	Ballada .	57
II	A florista	59
III	Inconsolaveis .	61
IV	Estella	63
V	De joelhos	65
VI	No boudoir.	69
VII	D. Alda .	71
VIII	No baile.	73
IX	Mudez . . .	75
X	Perfida	79
XI	Laura	81
XII	As duas irmãs	85
XIII	A uma criança	87
XIV	Quadro incompleto	89
XV	Prece.	91
XVI	Mãe .	95
XVII	Egypto	97
XVIII	Musa impassivel	99

INDICE

Prologo .	VII
I Musa impassivel .	1
II A um artista	3
III Os argonautas.	5
IV Mahabarata	7
V Rainha das aguas.	9
VI Sonho africano	11
VII Paizagem	13
VIII Venus	15
IX Em Sonda	17
X A caçada .	19
XI No campo	21
XII Nocturno	23
XIII A Noite .	25
XIV A Ondina	27
XV Aurora	29
XVI A um poeta.	31
XVII Á noite	33
XVIII Inverno .	35

LIEDER DE GOETHE

I Calme de la mer .	39
II Lied sicilien	41
III La prude	43



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).